

SABINO, Mario. *A boca da verdade*. Rio de Janeiro: Record, 2009. 144p.

Mario Sabino nasceu em São Paulo no ano de 1962. Além de jornalista e redator-chefe da Revista *Veja*, é escritor de romances e contos, cuja literatura retrata essencialmente a razão de existir do ser humano, corporificado em seus diversos personagens literários. Em 2004, publicou o livro *O dia em que matei meu pai*, traduzido em sete idiomas. No ano seguinte, em 2005, lançou o volume de contos *O antinarciso*, ganhador do Prêmio Clarice Lispector da Biblioteca Nacional.

A boca da verdade é o seu mais recente trabalho. Publicado em 2009, a obra é dividida em 11 contos, que, por sua vez, encontram-se agrupados em três partes, escritas de maneira distinta uma das outras, porém inter-relacionadas por um mesmo eixo temático. O motivo da existência do ser humano ou a dor de existir, como explica o próprio autor, em uma espécie de posfácio intitulado “Uma palavra”, é o fio condutor que perpassa todas as narrativas: “Os melhores romances e contos são aqueles em que os protagonistas são movidos por angústia, tormento, sofrimento. A dor de existir, enfim”.

Na primeira parte, chamada “Inexistências”, os apelos à psicanálise e à filosofia dialogam com a brevidade dos relatos de Sabino. Logo, no hall de entrada, o escritor apresenta o conto que dá nome ao livro. Com traços do mito do Édipo, presentes também na obra anterior, *O dia em que matei meu pai*, o texto mostra a relação de, muitas vezes, vergonha, repulsa, nojo e ódio entre o filho para com o seu pai, considerado o dono da boca da verdade. Aliás, em “Essência”, o terceiro dessa mesma coletânea, o tema é focalizado novamente, apenas observado a partir de outro ponto de vista, o do pai. Este, por sua vez, deixa uma herança aos seus filhos, considerados meio idiotas e ao mesmo tempo amados por ele.

Na sequência do livro, a parte “Recortes”, a mais breve de todas, onde quatro contos – Ser, Taxidemia, Genética e Não as deixe entrar – são resumidos em apenas 10 páginas, faz uma reflexão acerca da existência de Deus e do homem. Personagens como poeta e escritor, pai e filho, são as vozes que questionam tais veracidades que ao final não levam a conclusões precisas, cabendo ao leitor fazer suas próprias interpretações. Em “Não as deixe entrar”, podemos perceber estes questionamentos e/ou afirmações do narrador frente às “verdades do mundo”: “É preciso dar um fim a isso, de uma vez por todas é preciso dar um fim ao horror que reproduzimos, ao horror que difundimos, ao horror em que salgamos a terra”.

Revista Literatura em Debate, v. 4, n. 7, p. 254-255, ago.-dez., 2010. Recebido em 17 out; aceito em 16 nov. 2010.

A seguir, em “Representações”, a terceira e última parte de *A boca da verdade*, o autor se dedica com maior fôlego ao desenvolvimento de suas narrativas. As histórias são mais longas e ocupam dois terços do livro, assim como a linguagem ganha um entrelaçamento maior a fim de exigir mais atenção por parte dos leitores e provocar ao mesmo tempo o “suspense literário”. Como diz o próprio título da seção, os contos agora passam a ser representados e seguindo a lógica da tríade: personagens, diálogos e ação.

Dessa coletânea, dois contos apresentam traços mitológicos. Em “Demônio com coração de mármore” e “A visita que Edward Hopper recebeu dois anos antes de morrer” Mario Sabino reinterpreta o conhecido mito literário de Fausto, onde o homem, para atender a seus anseios e desejos de dominar o mundo e as pessoas ou, ainda, viver os “prazeres da vida”, chega a fazer um pacto com o diabo. No primeiro, a figura do demônio é metaforizada por um vaso que faz despertar no personagem principal, no caso, o advogado Renato, o desejo de vingança e dominação. Por sua vez, no segundo, o mal se encarna num homem que atende às aspirações de um humilde pintor.

Por meio de uma linguagem culta e reveladora de traços da contemporaneidade, em que incertezas do mundo real misturam-se a verdades do mundo ficcional, Sabino expõe criticamente a sua forma pessoal de compreender o universo que nos cerca. Em meio a um contexto de dualidades entre belo vs. horrível, felicidade vs. dor, crença vs. descrença, verdade vs. mentira, o escritor não procura dar respostas aos seus questionamentos, mas entreter o leitor e, principalmente, permitir a reflexão.

A boca da verdade é um livro de contos que desperta, de forma especial, o olhar de leitores interessados em obras que trabalham com a questão da religião e da existência humana. Leitura indicada não somente para alunos dos cursos de Filosofia ou Teologia, mas também para graduandos em Letras e Jornalismo, que, em seus ofícios do dia-a-dia, necessitam de uma posição crítica ou do um conhecimento de mundo que os permitam se envolver em discussões pertinentes a essa temática.

Gustavo Menegusso

Aluno do Curso de Mestrado em Letras – Literatura Comparada da URI-FW.